

A decorative gold border consisting of a vertical line on the left, a horizontal line at the top, and a vertical line on the right, with a horizontal line extending from the top line to the right line. A small gold dot is positioned to the left of the word 'LITERATURA'.

- **LITERATURA**

NOS 400 ANOS DA *PEREGRINAÇÃO*, DE FERNÃO MENDES PINTO

Luís André Nepomuceno*

Resumo: O artigo faz uma análise da *Peregrinação* (1614), de Fernão Mendes Pinto, a partir de seus temas centrais, como a crise do império português no Oriente, o retrato de comerciantes e navegadores em terras orientais, as guerras internas de países da Ásia Extrema, os conflitos religiosos e as missões jesuíticas no Japão. Levando em conta a celebração dos 400 anos da primeira edição do livro, e fazendo uma breve consideração sobre a sua trajetória desde então, o presente estudo revela a dimensão contemporânea de seu autor e a fascinante atualidade de seus temas.

Palavras-chave: Renascimento português. Fernão Mendes Pinto. Império português.

Logo no princípio da *Peregrinação*, o narrador faz uma rápida composição de sua juventude, dizendo ter nascido em Montemor-o-Velho, e depois ter sido levado a Lisboa em 1521, por um tio que o quis destinar a melhor fortuna e ao serviço de uma senhora nobre e de parentes ilustres. Junto a esse serviço, o jovem narrador vê a sua vida em risco, por motivo não revelado, razão pela qual decide fugir desatinado a Setúbal, nas caravelas de um fidalgo, mas a tripulação é toda atacada por corsários franceses, que se assenhorearam do navio e levaram homens amarrados a serem vendidos em Larache, maltratando-os com açoites terríveis. Conquistando riquezas, os corsários vão à França, mas deixam alguns portugueses, inclusive o narrador, na praia de Melide, nus e descalços, e com as chagas dos açoites recebidos. Acolhidos por compatriotas em Santiago de Cacém e convalescendo das feridas, cada um dos portugueses busca seu destino, e o narrador retoma a viagem a Setúbal, onde passa a servir um certo Francisco de Faria, mestre de Santiago,

* Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com pós-doutorado pela mesma instituição. Professor de Literatura no Centro Universitário de Patos de Minas (Unipam) – Patos de Minas – MG – Brasil. E-mail: luisandre.nepomuceno@gmail.com

por quatro anos, e depois um moço da câmara, a quem serviu por um ano e meio. Porém, não tendo o suficiente para lhe bastar na sustentação, o narrador tenta a sorte no caminho da Índia.

Com tantos episódios memoráveis, já se poderia pensar em matéria para um romance inteiro, mas cumpre dizer que estamos apenas no primeiro dos 226 capítulos do volume. *A Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto é um livro praticamente sem par na história do Renascimento português. O suposto livro de memórias (que é também crônica, romance, livro de viagens e historiografia) narra as aventuras de seu autor por 21 anos no Oriente, peregrinando pelos mais diversos reinos da Ásia, atuando como mercador, embaixador, pirata, tendo sido “treze vezes cativo, & dezessete vendido” (PINTO, 1971, cap. 1, p. 29), e por fim, anotando costumes, valores e condutas dos povos orientais da Índia, Etiópia, Arábia, China, Japão, Tartária, Sião, Pegu, Sumatra e outras províncias.

A edição *princeps*, com título imenso¹, saiu postumamente em Lisboa, em 1614, sob os cuidados do famoso editor Pedro Craesbeeck, com o Privilégio Real de 1613, e as licenças de 1603². Mendes Pinto teria deixado seu livro pronto desde 1580, mas não cuidou de publicar aquele imenso volume que, a se dar crédito a sua modéstia, ele dizia que era apenas para o ABC de suas filhas. Quando o escritor faleceu em 1583, o manuscrito original, hoje desaparecido, ficou aos cuidados dessas mesmas filhas, que entregaram o volume à Casa Pia das Penitentes de Lisboa, “uma instituição de caridade criada por D. João III para amparar mulheres de rua e pela qual Mendes Pinto mantinha ‘particular devoção’, como se lê na dedicatória da primeira edição” (LIMA, 1998, p. 17). O livro, portanto, conforme se depreende do frontispício da edição *princeps*, saiu com todas as licenças necessárias e, apesar de suas ironias à crise do império português no Oriente e às práticas hipócritas do catolicismo de certos personagens, não parece ter tido qualquer problema com a censura régia ou com a Inquisição.

Entretanto, antes mesmo de vir a lume, cópias do relato de Mendes Pinto parecem ter circulado na Europa, mesmo fora de Portugal, senão em seu todo, pelo menos em parte, sobretudo aquela em que se trata da vida, dos milagres e da viagem missionária de Francisco Xavier ao Japão, de que o próprio Mendes Pinto teria feito parte em 1549. Já no século XVI, Gian Pietro Maffei, que esteve com o autor da *Peregrinação* no seu retiro em Portugal, publicou os *Historiarum indicarum libri XVI*, com valiosas informações colhidas em sua entrevista com Mendes Pinto; e logo depois, Orazio Tursellini publicaria uma biografia de Francisco Xavier, tendo-se servido da *Peregrinação* para colher informações sobre o santo (CATZ, 1978, p. 67). O fato de Maffei ter consultado Mendes Pinto sobre questões do Oriente pouco antes da morte deste revela que, em Portugal, muitos sabiam que o aventureiro e viajante vinha escrevendo um livro, numa época em que jesuítas e historiadores aqueciam o mercado editorial renascentista com assuntos da Ásia Extrema e de seus habitantes exóticos, temática que tivera início com a narrativa de Marco Polo, no século XIV, mas só agora, 200 anos depois, via sua expansão motivada pelas novas conquistas do império marítimo português.

1 *Peregrinacão de Fernam Mendez Pinto, em que da conta de myvtas e myvto estranhas cousas que vio & ouuiu no reyno da China, no da Tartaria, no do Sornau, que vulgarmente se chama Sião, no do Calaminhan, no de Pegu, no de Martauão, & em outros muytos reynos & senhorios das partes Orientais, de que nestas nossas do Occidente ha muyto pouca ou nenhũa noticia. E também dá conta de myvtos casos particulares que acontecerão assi a ele como a outras muytas pessoas. E no fim della trata breuemente de algũas cousas, & da morte do santo Padre mestre Francisco Xauier vnica luz & resplandor daquelas partes do Oriente, & Reytor nellas vniuersal da Companhia de Iesus. Escrita pelo mesmo Fernão Mendez Pinto.*

2 Francisco Leite de Faria (1992, p. 41) acredita que uma das licenças, “por gralha de tipografia, tenha a data de 1613”.

Mendes Pinto deve ter dedicado mais de 20 anos a seu “livro de memórias”, num período que vai de 1558, data de seu retorno do Oriente, até pouco antes de sua morte³. Verdadeiro estorvo para editores, aquela narrativa gigante, fluxo interminável de enredos, nomes, lugares, figuras históricas, uma verdadeira enciclopédia do Oriente, teve de ser “domada” e preparada para publicação, tarefa a cargo do cronista real Francisco de Andrade, que dividiu os capítulos e escreveu os enunciados, o que tornou o volume bem mais compreensível e palatável, conforme hoje o conhecemos. Francisco de Herrera Maldonado, que verteu o livro para o espanhol, em estilo barroquista, poucos anos depois, acusou Andrade de ter mutilado o livro e feito emendas incorretas. De toda forma, não se sabe se Andrade, Maldonado ou mesmo os censores da Inquisição tiveram a iniciativa de modificar termos ou mutilar pedaços⁴. Com a apreciação desfavorável e corrosiva dos portugueses, o livro de Mendes Pinto não recebeu em Portugal a acolhida que teve em outros países. No século XVII, a *Peregrinação* “teve certamente duas edições em português, seis em espanhol, quatro em inglês, duas em francês, outras duas em holandês e quatro em alemão, ao todo vinte edições, das quais dezoito são em língua estrangeira” (FARIA, 1992, p. 41). Em outros termos, o livro foi menos aceito em Portugal do que no restante da Europa, num trajeto contrário ao d’*Os Lusíadas*, de Camões, apreciadíssimo em Portugal desde a sua primeira publicação em 1572. Nesse sentido, António Moniz (1999, p. 11) aponta o seguinte:

Apesar do lugar cimeiro que a Peregrinação de Fernão Mendes Pinto ocupa na literatura de viagens, portuguesa e universal, apenas dois ou três capítulos de tal obra-prima são sugeridos para leitura e análise do programa do Português A do ensino secundário e raramente tal texto é estudado no ensino universitário.

No Brasil, a obra-prima mal é lembrada nos estudos sobre Renascimento português. E a história problemática de sua recepção, especialmente nos primeiros séculos, parece ter sido prejudicada pelo retrato nada sublime que o autor faz dos mercadores, missionários e colonizadores portugueses em terras asiáticas, como maus embaixadores, corsários inescrupulosos, violentos e traidores de suas alianças políticas.

Mal recebido, mal compreendido por séculos, o livro, no entanto, resistiu ao tempo, agora que chega aos 400 anos de peregrinação. E o século XX lhe foi bastante generoso em recepção: 97 edições ao todo, incluindo volumes em português e em língua estrangeira, com texto completo ou incompleto, ajudando a perfazer o montante de 167 edições, desde o seu primeiro aparecimento em 1614. E novas edições têm se multiplicado nos últimos anos, especialmente depois de algumas publicações referenciais como a de Adolfo Casais Monteiro, levada a estampa em 1952-1953 (Lisboa: Sociedade de Intercâmbio Luso-brasileiro/Rio de Janeiro: Editora da Casa do Estudante), e republicada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, em 1983, na Coleção “Biblioteca de Autores Portugueses”; ou a de António José Saraiva, que saiu entre 1961-1984, em 4 volumes, pela Livraria Sá da Costa Editora (FARIA, 1992, p. 57-61). No Brasil, a única edição disponível é a

3 Sobre o período de composição do livro, Rui Loureiro (2010, v. I, p. 237) anota: “In this context, it is important to stress that 25 years elapsed between the arrival in Lisbon of Mendes Pinto and the date of his demise. The *Peregrinação* text was most likely slowly set down over a quarter of a century, benefiting from a long period of construction, which would have allowed not only for its stylistic improvement, but also for firmer documental consistence”.

4 Para uma história da edição da *Peregrinação*, ver Catz (1978, p. 65-79).

que reedita a versão em português moderno de Maria Alberta Menéres (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005) e que, embora simples, é didática e tem atendido às necessidades do público brasileiro⁵.

Recebido pelas primeiras gerações de críticos e leitores como historiografia pura, que ele não é, ou como fantasia extravagante e destituída de validade histórica, coisa que também não é, o fascinante relato de Mendes Pinto nos tem desafiado desde sempre, a começar pelo próprio gênero a que pertence. Depois dos estudos de Le Gentil (1947), o livro vem sendo cada vez mais compreendido como modelo de historiografia romanceada, numa fórmula única para o Renascimento português, em que o autor transita entre o factual, o biográfico e o imaginado – portanto, algo muito diferente do que vinham produzindo João de Barros, Diogo do Couto, Damião de Góis ou Gaspar Frutuoso. João David Pinto Correia (1979, p. 52-53 e 82-84), leitor atento da *Peregrinação*, aponta que a autobiografia de Mendes Pinto tem dimensão tão real quanto fictícia, e que as experiências narradas pelo autor percorrem caminhos diversos que vão desde os fatos experimentados até os episódios evocados como se vividos pelo narrador, num constante trânsito entre o narrador homodiegético e autodiegético.

Embora a *Peregrinação* seja composta por uma diversidade de temas e enredos, é possível entrever na edificação do livro um plano que, se inicialmente beira a dimensão biográfica, alcança, ao final, também a pretensão historiográfica e estética, atendendo a princípios que o autor poderá ter julgado importantes para a separação em blocos temáticos. Um livro tão portentoso quanto esse, portanto, não poderia deixar de oferecer um leque extensivo de temas e notícias. E a primeira dessas temáticas é, naturalmente, a expansão e a crise do império português no Oriente. Maria da Graça Martins (1989, p. 54) aponta que, no livro, Mendes Pinto denuncia as atrocidades e as incoerências da colonização portuguesa no Oriente, porém de forma enviesada, projetando nos personagens orientais a crítica que ele próprio faria a seus conterrâneos, sem que a tenha feito propriamente, seja por receio da Inquisição, seja por uma estratégia satírica, como teria pensado Rebecca Catz, em sua tese já mencionada. É o caso, por exemplo, do discurso do menino chinês encontrado na Ilha dos Ladrões, ou do velho guardião nos templos da mítica ilha de Calemplui. Seguindo essa ótica de um profundo diálogo entre personagens, Luís Felipe Barreto (1998, p. 284) observa que, na *Peregrinação*,

[...] surge, talvez pela primeira vez numa obra ocidental, o efeito literário do asiático como sujeito que ajuíza um objecto que é o europeu. Avaliação crítica que coloca na boca do personagem asiático as denúncias da contradição da expansão portuguesa.

No livro de Mendes Pinto, prenúncios de um império em ruínas vão cada vez mais se tornando visíveis aos olhos do leitor, até chegarmos aos capítulos finais, quando fracassam as missões católicas no Japão, e os portos comerciais portugueses na China (Liampó, Chincéu e Lampacau) vão sendo perdidos por conta de intrigas pessoais e de ingerência por parte dos administradores do império. Nos capítulos 191-192, Diogo Soares, governador no reino de Pegu, nos tempos do rei Bramá, será o modelo inglório da conduta portuguesa na Ásia, desonrando vergonhosamente uma noiva nativa e matando-lhe o noivo, para depois

5 A edição original do texto adaptado de Maria Alberta Menéres refere-se a: PINTO, F. M. *Peregrinação*. Lisboa: Edições Afródite, 1971. 2 v. (Coleção Clássicos das Edições Afródite) (FARIA, 1992, p. 57).

ser apedrejado por uma multidão enfurecida, anos depois de ter auxiliado Francisco Xavier no seu milagre da batalha contra turcos achéns. Depois virão Álvaro de Ataíde, capitão de Malaca, que não permite a viagem de Xavier ao Japão, por causa de intrigas pessoais com Diogo Pereira (cap. 215); bem como Gaspar Jorge, ouvidor-geral da Índia, e D. Antonio de Noronha, novo capitão de Malaca, que, por motivos fúteis e pessoais, não conseguem chegar a um acordo sobre a viagem do padre Belchior Nunes Barreto ao Japão (cap. 219). Esse retrato da desonra portuguesa vem se juntar a uma composição ainda mais amarga, no começo do livro, quando mercadores e colonizadores portugueses são mostrados como piratas e embaixadores sórdidos a manipular interesses pessoais na decisão de assuntos do Estado e da Igreja.

Contudo, se a *Peregrinação* nos fornece, por um lado, a impressão de uma crítica severa à cobiça e à expansão portuguesa (tema que inegavelmente se encontra no livro, conforme aqui se afirmou), é preciso compreender, por outro, que as deformidades morais de que participa o narrador não compõem um retrato isolado, porém um cenário de generalização da barbárie, de que todos participam, como coautores de uma dramática história que se define por um mundo às avessas. A *Peregrinação* é um livro de ações e reações, de altos e baixos, de conquistas e misérias, e toda a investigação sobre os dramas e os conflitos políticos do Oriente (sobretudo aqueles que giram em torno da tirania e da expansão dos reinos) oferece uma notória continuidade temática às políticas da ação expansionista portuguesa naquelas terras.

Assim, a primeira parte do livro, retrato historicamente contraditório dos portugueses como “bons cristãos” e hábeis traiçoeiros, serve de motivação para se pensar outras condutas políticas tirânicas nas partes finais, de que o rei de Bramá⁶ servirá como modelo mais acabado e cruel. O Bramá é um tirano que sai furiosamente com seu exército descomunal, conquistando reinos e atropelando povos (Martavão, Avá, Savadi, Prom), passando por cima de tudo e de todos, com seus elefantes de guerra, vingando e humilhando os grandes em atos de selvageria, qual o retrato assustador de um expansionista obsessivo a deixar um rastro de sangue. E logo também virá o rei de Demá⁷, outro dos políticos tirânicos, dessa vez a conquistar o reino de Passarvão, bravamente defendido por um nobre rei que “era muyto liberal, & nada tiranno”, e sobretudo, “bem inclinado para os pequenos do pouo, & grandemente amigo dos pobres” (PINTO, 1971, cap. 173, p. 596).

Portanto, ainda que possam parecer de uma disposição maniqueísta e moralizante nas suas intenções, as pesquisas políticas de Fernão Mendes Pinto projetam no cenário histórico certas personalidades e comportamentos que se revelam como referências éticas concebidas pelo autor: o rei tártaro, Bramá, Demá, o Xemin de Satão, e de certa forma, o Chaumigrem (vingador do rei Bramá) compõem o rol de monarcas expansionistas e tirânicos, voltados a uma política violenta e opressora. De outro lado, o rei de Sião, o Chaubainhá, o Xemindó, e antes deles, o rei dos batas, bem como o rei e a rainha de Aaru, ou ainda o pobre reizinho tornado cristão na ilha de Pulo Hinhor, formam o rol de

6 Ou Rey de Brama, na grafia do autor: “King Tabin-shwi-hti of Burma (c. 1531-1550). He became a great menace to the neighbouring states, including Siam, which he attacked in 1549, taking advantage of the internal turmoil in Ayutthaya following King Chai Racha’s death” (ALVES, 2010, v. III, p. 243, nota 1).

7 Ou Rei de Demak, reino situado na costa norte da ilha de Java, capital do primeiro Estado muçulmano de Java, sobre a qual muito pouco se sabe no século XVI. Sobre o rei: “During his long reign, this king launched a number of military campaigns against the island’s Hindu states, such as Banten and Majapahit, and succeeded in asserting himself as the most powerful ruler on the island. He even extended his authority over several overseas states” (ALVES, 2010, v. III, p. 228, nota 4).

monarcas defensores de seus territórios e de seus direitos, sempre na inútil tentativa de proteger sua gente vitimada por ideais colonizadores.

No entanto, não são apenas os conflitos políticos e a tirania portuguesa e asiática a receber espaço no livro de Mendes Pinto. As batalhas religiosas, ou as batalhas políticas motivadas por razões religiosas, são talvez um dos mais destacados temas da obra. O cenário histórico daqueles meados do século XVI mostra que as rivalidades religiosas espelhavam interesses econômicos e demarcações de fronteiras geográficas, numa situação que bem define a total ausência de limites entre o Estado e a religião. Personagens de crenças diversas (cristãos, muçulmanos, budistas, hinduístas, pagãos) veem-se às voltas com o estranhamento do outro, naquilo que ele tem de exótico e diferente, como a entender que só faz parte de uma comunidade política aquele que antes participou das práticas religiosas como forma de valor e pertencimento social.

Portanto, a considerar o cenário histórico da *Peregrinação*, numa época em que diversos impérios se expandiam em busca do comércio no Oriente, Mendes Pinto coloca em cena uma espécie de teatro das presunções, em que as verdades teológicas se pulverizam e se relativizam, e em que cada um atribui a si a boa-fé e o pertencimento à verdade revelada, e ao outro, a ignorância, a barbárie e o desconhecimento de sua verdade, que é e sempre foi a promessa de seu Deus. Esse teatro das presunções (a presunção da verdade, da revelação e do pertencimento) é, na prática, um exercício do poder e uma justificativa, humana e divina, bem como uma legitimação política para a guerra, a violência e a dizimação dos infiéis. Jogar ao mar, com um penedo amarrado ao pescoço, um renegado cristão que se recusou à reconversão que se lhe oferecia (cap. 3), é quase uma atitude de revanchismo e uma prática explosiva do ódio contra a infidelidade.

A religião, portanto – incluída aí a sua herança cultural, política e messiânica –, torna-se um verdadeiro instrumento e uma razão motivacional de guerra, em defesa não apenas de um Deus individualista, mas também de sua legitimidade e do pacto social que ela implica. Uma vez que os portugueses, logo nos primórdios da expansão de seu império, davam mostras notórias de defender os interesses de Deus e da cristandade, eles receberam, já no século XV, pelo menos três bulas papais, validando e legitimando conquistas, e a primeira delas, a *Dum diversas*, de 1452, autorizava o rei de Portugal a

[...] atacar, conquistar e submeter sarracenos, pagãos e outros descrentes inimigos de Cristo; a capturar seus bens e territórios; a reduzi-los à escravatura perpétua e a transferir as suas terras e territórios para o rei de Portugal e para os seus sucessores (BOXER, 2012, p. 38).

Ainda que as motivações religiosas se vissem misturadas a interesses econômicos, cumpre dizer que os portugueses estiveram seriamente preocupados com a conversão dos outros povos, especialmente a partir de 1540, quando da chegada dos jesuítas ao Oriente. Na destruição de deuses e templos alheios, para a edificação de igrejas, como fizeram os portugueses na Ásia, ocorre igualmente que “esta sobreposição de espaços religiosos é uma boa metáfora para a convicção de que uma mudança de religião é uma consequência natural da ocupação do espaço pela conquista militar” (SÁ, 2010, p. 265).

Pode-se dizer, enfim, que nesse “teatro das presunções”, trágico cenário religioso da *Peregrinação*, gentios, cristãos, budistas e muçulmanos – uma vez confrontados com a nova realidade das navegações e com o súbito contato entre

culturas distintas – têm cada um deles uma espécie de Deus particularista e providencialista, vinculado a promessas religiosas e a heranças políticas, bem como ao cultivo do ódio contra o estrangeiro, e que a destruição do Deus alheio implicará igualmente a consolidação de uma vitória militar.

O livro termina com os trabalhos missionários de Francisco Xavier e Nunes Barreto no Japão, terra “descoberta” pelos portugueses em 1542 ou 1543, e visitada pelas primeiras missões jesuíticas em 1549 e 1556, respectivamente, pelos padres aqui mencionados. Fernão Mendes Pinto participou de ambas as missões, na primeira delas como assessor para assuntos do Oriente, e na segunda, como ativista, jesuíta leigo e um dos financiadores da expedição. As duas missões japonesas viram-se parcialmente fracassadas. Na primeira, Francisco Xavier esbarra na sabatina dos bonzos, sacerdotes budistas de grande prestígio e grandes opositores da expansão católica no Japão. Numa carta de 1552 à Companhia de Jesus, Xavier solicitava a Inácio de Loyola que enviasse missionários ao Japão, mas que fossem inteligentes, argutos e bons de retórica para as sabatinadas dos sacerdotes budistas; ao contrário do que fizera na Índia, quando escrevia ao mesmo Inácio, pedindo-lhe que mandasse missionários, sem necessidade de serem eruditos, mas que fossem fortes e educados para evangelizar crianças e gente ignorante (COLERIDGE, 1872, v. I, p. 272). Na segunda campanha, Nunes Barreto esperava converter o rei de Bungo, o daimiô japonês Otomo Sorin, que prometera a Xavier abraçar a fé católica. Mas o rei desiste, e os portugueses voltam para casa sem perspectivas de bons frutos religiosos em terras japonesas.

O relativo fracasso das missões jesuíticas no Oriente, assunto final do livro de Mendes Pinto, para além das questões historicamente incontestáveis, como a própria dificuldade de inserção de uma nova fé em terras já milenarmente dominadas por outros cultos, deveu-se igualmente – e é essa uma possível aceitação de Mendes Pinto – à conduta daquela gente do “cabo do mundo”, sectária e radical, que vinha salvar as almas dos gentios. Didier (1996, p. 47), biógrafo de Francisco Xavier, diz que, na Índia, o jesuíta dirigia “grupos de jovens encarregados de destruir ou profanar com escarro ou excremento os ídolos hindus ainda adorados pelos pescadores tornados cristãos”. E Conrod (2012, p. 97) denuncia que Xavier mostrou-se prosélito e extremista no trato das crenças religiosas locais, sobretudo na Índia, chegando a ver em Goa o reinado de Satã.

Assistindo aos missionários portugueses que levavam salvação às almas perdidas do paganismo no Oriente, Mendes Pinto parece ter entendido, muitos anos depois, quando já redigia o seu livro em Portugal, distanciado que se viu dos acontecimentos da época, que os orientais eram também sábios, muito sábios, ainda que desconhecedores da verdadeira fé⁸. O Xemindó, por exemplo, a defender com honradez o seu reino de Pegu, era um exemplo vivo de nobreza de caráter e modelo admirável de bom governante. O comovente discurso do Talapicor de Lechune, em Quanginau (alguns dizem que se trata do dalai-lama), sobre a caridade e o despojamento contrasta com a pregação ridiculamente servil e bajuladora de um padre que faz elogios desmedidos a Antonio de Faria, numa Igreja de Nossa Senhora da Conceição, no porto de Liampó, na China⁹.

8 Teresa Araújo (1996, p. 384) sugere que Mendes Pinto “contrapõe, muitas vezes, personagens indígenas que, não conhecendo Jesus Cristo, mostram uma estatura moral verdadeiramente cristã e superior à européia”, e que, “ao mesmo tempo que o Oriente e suas gentes absorvem a sua curiosidade, são eles que o despertam para a pureza do cristianismo que o Ocidente cristão perdeu”.

9 Os fatos estão narrados respectivamente nos capítulos 69 e 127 da *Peregrinação*.

Conversões momentâneas e tomadas à força, profanação e destruição de templos, proselitismo e violência, exercícios espirituais inicianos demonizando idolatrias locais: tudo isso é um cenário bastante familiar à *Peregrinação*, e revela as disputas políticas e o cultivo do ódio religioso entre portugueses e populações nativas da Ásia Extrema. Trata-se de um cenário motivado por esse mesmo proselitismo ibérico, em especial o do próprio Francisco Xavier em terras orientais, que se mostrou inapto para as negociações culturais e para a aceitação das heranças religiosas, tema que será debatido entre o padre e os bonzos do Japão, quando das conversas sobre a salvação da alma entre gentios. O livro de Mendes Pinto, portanto, denuncia o olhar pessimista do autor, revelando a inabilidade dos missionários no trato com as diferenças religiosas; o proselitismo católico no ato da evangelização; a conversão do Oriente como projeto desmedido e ambicioso; e, por fim, uma espécie de amarga distopia na apresentação das missões jesuítas, marcadas pelo insucesso no Oriente, dadas as condições em que foram projetadas e cumpridas.

A *Peregrinação* é um livro de grandes temas, de grandes dimensões, de grandes proporções: embaixadas internacionais, conquistas, crises políticas, expansões de impérios, aculturações religiosas, tirania, violência, cobiça. Impérios se erguem e caem como um castelo de cartas de baralho, num jogo ininterrupto que compõe a história das civilizações. Mesmo a China, reino gigantesco, cujo imperador é o “leão coroado no trono do mundo”, caiu sob as mãos do rei tártaro.

Não poderia ser um livro mais contemporâneo. O cenário histórico dos princípios do Renascimento, quando começava a grassar a literatura de viagens entre leitores ávidos pelo novo e pelo exótico, repetiu-se no imperialismo dos séculos XIX e XX, quando os países ricos da Europa voltaram-se uma vez mais para a África e para a Ásia, colonizando seus povos, influenciando suas culturas. E vem se repetindo sempre que a ação imperialista se impõe sobre as lideranças internacionais, a exemplo de novos cenários políticos do nosso tempo. Em sua época, Fernão Mendes Pinto foi tido como um mentiroso irresponsável a fabular narrativas improváveis. Independentemente de sua intenção factual, biográfica ou meramente romanesca, a *Peregrinação* é um libelo contra a tirania e a expansão obsessiva dos reinos. Os 400 anos de sua trajetória nos círculos editoriais, a serem comemorados agora em 2014, mostram que se trata de um livro que sobreviveu ao tempo e que tem muito a dizer ao mundo de hoje.

IN THE 400TH ANNIVERSARY OF FERNÃO MENDES PINTO'S *PEREGRINAÇÃO*

Abstract: *The paper proposes an analysis of Fernão Mendes Pinto's Peregrinação (1614), considering its main themes, such as the crisis of the Portuguese empire in the East, the portrait of merchants and navigators in oriental lands, the internal battles of countries in Asia, the religious conflicts and the Jesuit missions in Japan. Taking into account the celebration of the 400 years of the book's first edition, and making a short consideration about its trajectory since then, the present study reveals the contemporaneous dimension of its author and the fascinating newness of its themes.*

Keywords: *Portuguese Renaissance. Fernão Mendes Pinto. Portuguese empire.*

REFERÊNCIAS

- ALVES, J. S. (Dir.). *Fernão Mendes Pinto and the Peregrinação: studies, restored Portuguese text, notes and indexes*. Lisboa: Fundação Oriente/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010. 4 v.
- ARAÚJO, T. Fernão Mendes Pinto. In: MACHADO, Á. M. (Org.). *Dicionário de literatura portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença, 1996.
- BARRETO, L. F. O orientalismo conquista Portugal. In: NOVAES, A. (Org.). *A descoberta do homem e do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras/Minc Funarte, 1998.
- BOXER, C. R. *O império marítimo português: 1415-1825*. Tradução Inês Silva Duarte. Lisboa: Edições 70, 2012.
- CATZ, R. *A sátira social de Fernão Mendes Pinto: uma análise crítica da Peregrinação*. Lisboa: Prelo Editora, 1978.
- COLERIDGE, H. J. *The life and letters of Saint Francis Xavier*. London: Burns and Oates, 1872. 2 v.
- CONROD, F. From the roman baroque to the indian jungle: Francis Xavier's *Letters from Goa, or the construction of a God*. *Laberinto Journal*, n. 6, p. 85-114, 2012.
- CORREIA, J. D. P. A "Peregrinação" de Fernão Mendes Pinto: autobiografia e aventura na literatura de viagens. Lisboa: Seara Nova, Editorial Comunicação, 1979.
- DIDIER, H. *Francisco Xavier, pioneiro da inculturação*. Tradução Denise Lolito. São Paulo: Paulinas, 1996.
- FARIA, F. L. de. *As muitas edições da Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1992.
- LE GENTIL, G. *Les portugais en Extrême Orient: Fernão Mendes Pinto, un précurseur de l'exotisme au XVIe siècle*. Paris: Hermann et Cie, 1947.
- LIMA, F. F. de. *O outro livro das maravilhas: a Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*. Rio de Janeiro: Relume Dumarã, 1998.
- LOUREIRO, R. Mission impossible. In search of the sources of Fernão Mendes Pinto's *Peregrinação*. In: ALVES, J. S. (Dir.). *Fernão Mendes Pinto and the Peregrinação: studies, restored portuguese text, notes and indexes*. Lisboa: Fundação Oriente/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010. 4 v.
- MARTINS, M. da G. O. *Apontamentos Europa-América explicam Fernão Mendes Pinto*. Lisboa: Europa-América, 1989.
- MONIZ, A. *Para uma leitura da Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*. Lisboa: Presença, 1999.
- PINTO, F. M. *Peregrinação*. Lisboa: Edições Afrodite, 1971. 2 v. (Coleção Clássicos das Edições Afrodite).
- SÁ, I. dos G. Estruturas eclesiásticas e ação religiosa. In: BETHENCOURT, F.; CURTO, D. R. (Org.). *A expansão marítima portuguesa, 1400-1800*. Tradução Miguel Mata. Lisboa: Edições 70, 2010.

Recebido em março de 2014.

Aprovado em julho de 2014.